



## EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS:

### UMA MATEMÁTICA NOS ESTUDOS FEMINISTAS

Márcia Barbosa de Menezes<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar os caminhos, os desafios e as transformações alcançadas por uma docente do campo matemático que resolve fazer uma incursão em outra área de conhecimento completamente diferente da sua formação inicial – cartesiana, ao ingressar no mundo das Ciências Humanas através do espaço acadêmico do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher – NEIM/UFBA. Neste percurso, a docente percebe as nuances patriarcais que envolvem a vida das mulheres, aprisionando-as às teias das construções socioculturais. Assim, a docente se reinventa e passa a se engajar numa luta social/acadêmica, buscando contribuir em processos formativos sócio culturais e políticos que visam desestabilizar os estereótipos de gênero, de raça, de classe social e outros marcadores que atingem particularmente as mulheres nos espaços das Ciências Exatas e Tecnológicas.

**Palavras-chave:** Ciências Exatas e Tecnológicas. Ciências Humanas. Feminismo. Experiências Formativas. NEIM.

#### ABSTRACT

This article aims to present the paths, challenges and transformations achieved by a teacher in the mathematical field who decides to make an incursion into another area of knowledge completely different from her initial training – Cartesian, by entering the world of Human Sciences through the space academic at the Center for Interdisciplinary Studies on Women – NEIM/UFBA. Along this path, the teacher perceives the patriarchal nuances that involve women's lives, imprisoning them in the webs of sociocultural constructions. Thus, the teacher reinvents herself and starts to engage in a social/academic struggle, seeking to contribute to socio-cultural and political training processes that aim to destabilize stereotypes of gender, race, social class and other markers that particularly affect women in spaces of Exact and Technological Sciences.

**Keywords:** Exact and Technological Sciences. Human Sciences. Feminism. Formative Experiences. NEIM.

---

<sup>1\*</sup> Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pelo PPGNEIM/UFBA. Docente titular do Departamento de Matemática do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Pesquisadora do NEIM/UFBA. Salvador/Bahia, Brasil. E-mail: [marmon@ufba.br](mailto:marmon@ufba.br)

## Introdução

*[...] a mudança social que o feminismo produziu forneceu novos ângulos, novas maneiras de ver o mundo, de ver mesmo as coisas comuns, abriu novos espaços cognitivos. (KELLER, 2006, p.30)*

Os estudos sobre mulheres, gênero e feminismos se constituem em campos de estudo e discussões cada vez mais emergentes e importantes para alcançarmos abertura e ampliação de consciência acerca dos processos que envolvem a constituição, formação e atuação das pessoas na sociedade em geral.

Segundo Cecília Sardenberg (2020, p.90 e 91)

Não custa lembrar que na década de 1970, quando os *women's studies* se desenvolviam nos Estados Unidos, vivia-se no Brasil ainda sob o jugo da ditadura militar, com pouco espaço para movimentos libertários, como o feminista. [...] Os anos 1980 trouxeram as manifestações a favor da retomada da democracia no país, com destaque para os movimentos sociais voltando às ruas, o feminismo dentre eles.

Sem dúvidas reconhecemos as dificuldades enfrentadas pelas estudiosas para discutir as questões relacionadas ao feminismo e aos estudos de gênero. Ressaltamos, entretanto, que a Bahia, em particular, a Universidade Federal da Bahia – UFBA, foi palco de pioneirismos nesta seara.

Há de se ressaltar que, em meados dos anos 1970, quando o feminismo ressurgia no Brasil, alguns estudos pioneiros sobre a problemática da mulher já eram desenvolvidos na UFBA por docentes e discentes integrantes do então Mestrado em Ciências Humanas. [...] Esse interesse tinha certamente como inspiração a disciplina oferecida, já a partir de 1975, pela socióloga Zahidé Machado Neto, qual seja, a “Sociologia da Família e Relações Entre os Sexos”, pioneira na Bahia. (SARDENBERG, 2020, p.91)

Outro grande pioneirismo da UFBA foi aprovar o sonho de luta de mulheres pioneiras que discutiam as problemáticas que envolviam a Mulher, as relações de Gênero e os Projetos Feministas- nasce, em maio de 1983, o Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher – NEIM/UFBA. Não foi, entretanto, um nascimento recebido com flores e harmonia, afinal as concepções patriarcais imperavam (e ainda imperam) fortemente nas teias da sociedade.

Essa iniciativa não foi vista com ‘bons olhos’ pela comunidade docente como um todo, sendo alvo de deboche por alguns de nossos pares, que nos identificavam de forma pejorativa como ‘mulherólogas’. Houve também críticas a nossa militância, já que eram evidentes, no nosso caso, os fortes laços entre o NEIM e o Grupo Brasil Mulher, verificando-se um amplo intercâmbio de pessoal entre os dois grupos por conta da forte identificação de objetivos. (SARDENBERG, 2020, p.92)

Margareth Rago (2013, p.190) também pontua os entraves enfrentados,

Desconstruir velhas concepções, questionar o regime de verdades que inferioriza as mulheres, trazer para a pesquisa histórica temas da esfera da vida privada, propor e defender a existência de uma escrita feminina, lutar pela criação e pelo desenvolvimento de uma epistemologia feminista, num mundo em que a grande maioria não suportava nenhum desses termos, significou travar uma luta árdua e exaustiva.

Apesar de todas as formas pejorativas, todos os entraves e olhares maldosos dirigidos ao ‘prédio lilás’ de São Lázaro, bairro de Salvador onde fica Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), onde fica o NEIM, o núcleo sobreviveu e, no ano de 2023, comemorou os seus 40 anos de existência. Durante esse período, um grande número de pessoas passou por seus bancos escolares participando dos diversos Cursos de Especialização, Cursos de Pós-Graduação de *stricto* e *lato sensu* e Curso de Bacharelado em Gênero e Diversidade. Conquistas merecedoras de aplausos para toda a equipe que mantém o foco na “necessidade de uma abordagem multi e interdisciplinar aos estudos em torno da problemática da mulher” e de todas as suas interseccionalidades;

[...] precisamos construir novas epistemologias que reconheçam, simultaneamente, a posicionalidade dos sujeitos cognoscentes e a legitimidade de um conhecimento objetivamente engajado no esforço de apresentar novos questionamentos aos diferentes saberes disciplinares que permitam o estabelecimento de novas pontes entre os campos do conhecimento, sem hierarquizações entre projetos de conhecimentos e projetos de intervenção e emancipação humana. (MACEDO; SARDENBERG; 2022, p.48)

Ressalta-se que desde seu início, os objetivos do NEIM são mantidos vivos nas entranhas de cada uma das ditas ‘mulherólogas’ que compõem sua equipe. E as novatas que vão chegando incorporam com força, garra e determinação a concepção de expansão, formação e aperfeiçoamento de pessoas para serem multiplicadoras da visão de equidade de Gênero, classe social, raça/etnia, enfim, pessoas conscientes do respeito pela nossa diversidade humana.



## Minhas Experiências Formativas – Uma Matemática no NEIM

Falar do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher (NEIM) é ainda uma emoção forte para mim, pois vejo como se estivesse falando daquela/e amiga/o que lhe entende, que lhe acolhe, que aponta caminhos, mas também, que puxa suas orelhas quando se faz necessário, visando lhe conduzir ao crescimento, às reflexões, aos debates construtivos. Sim, falar do NEIM é relembrar como foi minha trajetória neste espaço.

Como começou...

Apesar de ter feito graduação e mestrado na UFBA, não tinha conhecimento do NEIM. Estava trancada, presa nos muros do meu espaço de atuação – o Instituto de Matemática. Hoje posso dizer, com toda certeza, estava fechada, absorvida pela pressão em produzir, atuar e alcançar ‘pontos’ para atingir a pontuação necessária para galgar as progressões funcionais e melhorar as condições financeiras para sobreviver na academia.

Não posso negar que algumas situações vivenciadas me deixavam intrigadas, mas, não sabia o porquê elas ocorriam e tampouco como poderia tentar mudá-las, afinal as regras sociais estavam (e estão) tão enraizadas nas sociedades que são absorvidas como ‘naturais’.

Durante um período longo de greve da classe docente, nos anos 2000, fiquei em casa entediada, absorvida pelos afazeres domésticos e cuidado das filhas, já que, no pensamento social se não se está trabalhando fora, mais um motivo para realizar sozinha essas funções. Um certo dia, ao abrir o computador na página da UFBA, apareceu um *card* para o primeiro curso de especialização sobre *Mulher, Gênero e Desenvolvimento* que estava sendo oferecido pelo NEIM.

A partir do ano de 2001, o NEIM passou a oferecer seus próprios cursos de pós-graduação lato sensu, no particular, cursos de especialização na área de estudos sobre mulheres e relações de gênero, o que proporcionou à equipe do núcleo desenvolver um trabalho interdisciplinar conjunto também em termos de ensino, em um mesmo programa. Em 2001, foi oferecido o Curso de Especialização em Mulher, Gênero e Desenvolvimento Regional, patrocinado pela Fundação Ford, do qual participaram e concluíram 23 alunas. (MACEDO; SARDENBERG, 2022, p.44)

Resolvi ir até São Lázaro e procurar o espaço do NEIM. Chegando lá tive a satisfação de ser recebida pela nossa querida mestra Ana Alice Alcântara Costa.

Apresentei-me e disse a ela que gostaria de informações sobre o curso, queria saber do que se tratava pois estava realmente curiosa para entender a relação entre mulher, gênero e desenvolvimento. Que abordagem era essa envolvendo mulher, gênero, desenvolvimento? Em que sentido essas palavras estavam ligadas? Não fazia ideia.

Lembro bem, Ana Alice sorriu e disse: “– Se inscreva e venha saber do que se trata. Você será bem-vinda. Faça uma carta falando da sua intenção no curso e de suas experiências.” Eu imediatamente retruquei: “– Como posso fazer isso, eu nem sei do que se trata, não sei esse conceito de gênero, nunca participei de movimentos sociais. Minhas experiências de vida acadêmica são apenas em sala de aula com ensino de matemática.” Ela disse: “- Escreva isso mesmo, diga que seu mundo gira só no espaço da matemática e no espaço de casa. Escreva que você quer aprender e descobrir o que estudamos aqui no NEIM.”

Sai da conversa disposta a não fazer inscrição alguma. Deixei inicialmente, não nego, o orgulho falar alto, como vou fazer inscrição em um curso sem ter ideia do que se trata, sem noção deste ‘tal de estudos de gênero/ estudos feministas’? Mas, minha mente é curiosa, comecei a buscar no *Google* leituras sobre o assunto, encontrei, por exemplo, textos de Joan Scott e Heleieth Saffioti que diziam:

Gênero é a organização social da diferença sexual, não refletindo ou implementando diferenças físicas e naturais entre homens e mulheres, mas o conhecimento que estabelece significações para as diferenças corpóreas. (SCOTT, 1995)

Como o gênero é relacional, quer enquanto categoria analítica, quer enquanto processo social, o conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama de relações sociais, bem como as transformações historicamente por ela sofridas através dos mais distintos processos sociais. (SAFFIOTI, 1992, p. 187)

Não conseguia assimilar muito bem os termos, as leituras eram um verdadeiro ‘ET’ para mim.

Diante das minhas angústias, pensei, se não estou conseguindo ‘decifrar’ sozinha os conteúdos, o melhor a fazer é realizar a inscrição e pagar para ver. E assim foi feito. Sinceramente, achava que não obteria êxito, mas, tenho certeza, que Ana Alice queria plantar a sementinha dos questionamentos e reflexões na mente da docente de matemática e, dessa forma, fui selecionada. E a essa mulher, ANA ALICE ALCANTARA COSTA, com letras maiúsculas mesmo, só tenho que reverenciar e agradecer.

As aulas eram realizadas na Escola de Enfermagem da UFBA à noite. No primeiro dia de aula, a insegurança e o nervosismo se faziam presente. Não conhecia ninguém, não sabia o que estava por vim. Inicialmente, uma roda para as apresentações, todas falavam de seus estudos, dos seus temas de interesse para a pesquisa, das suas participações em movimentos sociais, eu escutando e ficando mais apreensiva ainda. Eram exemplos de pessoas que trabalhavam com mulheres marisqueiras, com mulheres envolvidas na política pública, no poder, nas associações de empregadas domésticas e vários outros temas. Um mundo de ações bem diversas, completamente diferente do que estava acostumada a conviver.

Chegada minha vez, falei meu nome e disse que meu interesse era aprender com cada uma das participantes, pois nem mesmo sabia dizer como iria relacionar meu campo de trabalho na matemática com o que seria aprendido ali. Mas, que eu pedia licença para continuar como aluna ouvinte e aprender tudo que fosse possível. Imediatamente a professora responsável pela atividade naquele dia, professora Elizete Passos, tomou a palavra e disse: “– Você é bem-vinda Márcia e teremos prazer com a sua participação. Tenho certeza que você mesma irá descobrir o mundo de possibilidades que o seu campo de atuação oferece para as reflexões e discussões que faremos aqui”. Pronto, foi dada a largada para o meu novo futuro.

Aos poucos fui conseguindo chegar mais perto das pessoas, pois fui deixando o medo de falar besteira de lado; estava ali para aprender com a ajuda das colegas e das professoras. Foi um ano intenso, um ano de desconstruções e despertar de consciência para a realidade das normas sociais impostas e aceitas como ‘naturais’, das imposições do patriarcado, das relações entre saber e poder, das interseccionalidades que atingem as pessoas como por exemplo: gênero, classe social, cor, etnia, religiosidade, orientação sexual. Tomei conhecimento de várias teorias, de várias/os estudiosas/os da linha do feminismo, dos estudos de gênero, da Crítica Feminista à Ciência, um leque grande de novas epistemologias.

Tive a oportunidade de refletir, internalizar e me libertar de certas normas. Relembro da leitura do livro, *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (pasmem, ainda não tinha lido) e sua famosa constatação de que: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Foi libertador entender que nascemos livres, mas, desde o primeiro momento



que se chega ao mundo com o sexo de uma menina, sua vida passa a ser conduzida pelas amarras impostas, pelas regras sociais. Aprendi também a pensar no meu eu unitário, dentro do coletivo, dentro do macro, compreendendo que “o pessoal é político.”

Foram muitos os aprendizados e reflexões. Despertei, particularmente, para as nuances das desigualdades de gênero que permeiam sutilmente a vida das mulheres e, comecei a perceber que os papéis de gênero estavam determinando o meu caminhar profissional e das minhas amigas no Instituto de Matemática. Percebi e passei a entender as reflexões e conceitualização de Heleieth Saffioti em relação a escolher gênero como uma categoria de análise, abriria novas possibilidades, um novo olhar sobre o meu objeto de estudo, proporcionando quebrar as estruturas dicotômicas que foram sendo criadas ao redor de homens e mulheres, e assim, alcançar uma nova forma de se fazer ciência. “O resgate de uma ontologia relacional deve ser, portanto, parte integrante de uma maneira feminista de fazer ciência” (SAFFIOTI, 1992, p.211)

Ao final do curso apresentei a monografia intitulada *A mulher no Ensino da Matemática*, sob a orientação da Professora Dra. Elizete Silva Passos. Agradeço à professora Elizete o incentivo, apoio, os puxões de orelha e a disponibilidade para orientar uma pessoa “verde” nos estudos de gênero.

Terminei a especialização com muito entusiasmo para saber mais sobre as relações de gênero, relações de poder, patriarcado, teorias feministas, enfim, muito interessada em aprender. Tinha sede de conhecimento nessa área, a qual sentia, definitivamente, que estava relacionada com a minha própria história de vida. Comecei a participar como aluna ouvinte de algumas disciplinas oferecidas pelo Programa de Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e feminismos (PPGNEIM/ UFBA).

Apesar do meu grande interesse em continuar os estudos, várias questões ainda impediam meu ingresso definitivo na área das Ciências Humanas: havia o medo em enfrentar o grande desafio da mudança. Tinha consciência de que precisaria romper com determinadas imposições que atingem as mulheres mães. Como me dedicar aos estudos em uma área nova sendo responsável por duas filhas pequenas? O conflito interior era grande: o desejo pelo novo estudo brigando com as crenças limitantes da canceriana devotada às responsabilidades familiares.

A maternidade foi historicamente constituída como um papel natural da mulher. Formatada pelos movimentos ideológicos do séc. XIX, a “nova mãe”

(BADINTER, 1985), torna-se um símbolo de ternura, capaz de um amor indefectível e imensurável, de renúncia aos seus objetivos em nome da preservação e felicidade dos filhos. (SILVA, 2018, p.3)

Corroborando, Margareth Rago (2013, p. 64) complementa

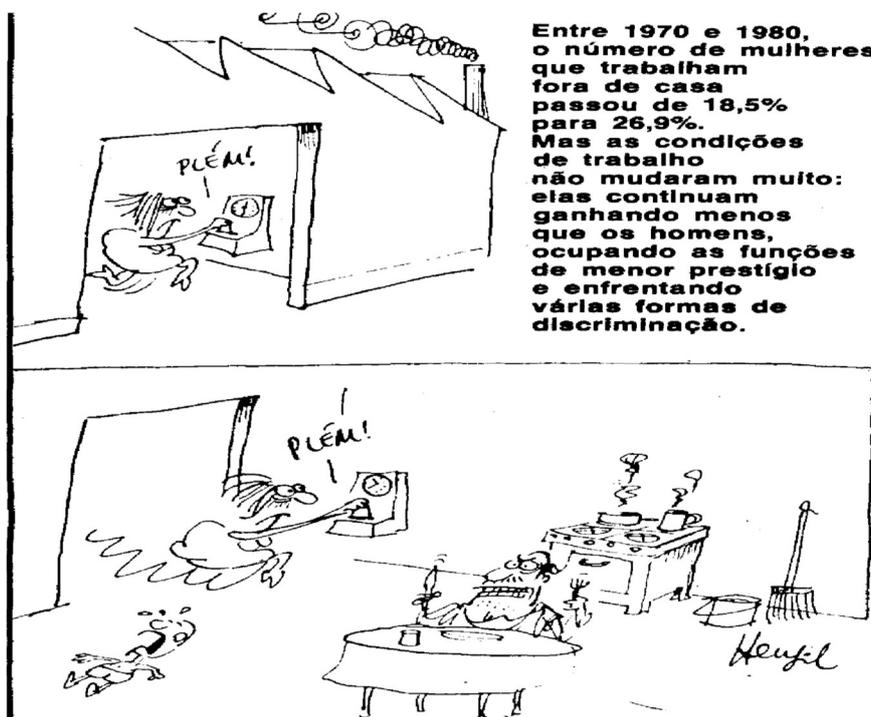
[...] tendo sido educada para a maternidade, para serem missionárias, enfermeiras ou professoras, as mulheres foram tacitamente convidadas a se esquecerem de si mesmas, a renunciar ao exame da própria existência, e, acima de tudo, foram estimuladas a cuidar do outro em primeiro lugar.

E Londa Schiebinger (2001, p.182), enfatiza

As medidas de assistência aos filhos, como qualquer outro aspecto da cultura, não estão impressas na natureza, mas são configuradas por contingências sociais e prioridades políticas. [...] Ser cientista, esposa e mãe é uma carga em uma sociedade que espera que as mulheres, mais do que os homens, ponham a família à frente da carreira.

É neste sentido que o cartunista Henfil, na *Revista Mulherio* (1982),<sup>2</sup> retrata de forma lúdica a vida diária das mulheres. Elas vivem o dilema de serem “mulheres exemplares”, assumindo cada vez mais as responsabilidades de múltiplas tarefas.

Figura 1 – Charge de Henfil (1982)



<sup>2</sup> Apesar da charge ser de 1982, ela continua retratando o comportamento de muitas mulheres nos dias atuais.



Fonte: *Revista Mulherio*, ano 2, n.7, p.4, maio/jun. 1982.

Mas, apesar de todas as construções impostas, a semente dos estudos de gênero já estava plantada no meu íntimo, só esperando o momento de florescer.

Foi um processo demorado, mas finalmente, no final de 2010, realizei a seleção para o Doutorado no PPGNEIM/UFBA, sendo aprovada em primeiro lugar, algo que foi muito recompensador para uma pessoa que estava fazendo uma grande e inusitada transição.

Iniciei os estudos em 2011 e, durante os dois primeiros semestres do curso, tive muitas dificuldades, tudo era novo, tudo era muito distante da mestra em Matemática Pura. Foi um grande desafio. Neste momento não posso deixar de referenciar e agradecer ao Grupo de Pesquisas e Estudos em Ciência, Gênero e Educação - CIGE. E, particularmente, a mentora do grupo, Professora Dr<sup>a</sup> Ângela Freire. Nesse espaço de convívio, de formação educacional, aprendi a discutir os textos e a ‘conversar’ com os/as autoras. O grupo abrange várias linhas de pesquisa, o que o torna enriquecedor diante dos diálogos realizados entre as múltiplas áreas do conhecimento. Nossos encontros são sempre de integração e trocas, visando o crescimento individual e coletivo da equipe; fazemos críticas construtivas no sentido de aprimorar e embasar as pesquisas realizadas. O CIGE é a porta de entrada e o meio para aprimorarmos e termos visibilidade nas nossas lutas e metas pessoais e sociais – um espaço transformador e de busca por empoderamento, especialmente das mulheres. Para mim, que vivencio o espaço matemático, ainda alheio às várias discussões dos estudos de gênero e que para alguns, se trata de assunto fora de propósito, a participação no CIGE é fundamental, e se apresenta como o meu momento de fortalecimento, de certeza de que fiz a melhor escolha para engrandecer meu eu pessoal na busca por melhores condições de vida, na busca pelo fortalecimento das nossas lutas em prol da justiça social: a equidade de gênero, o empoderamento das mulheres e o respeito às diversidades.

Durante o curso, frequentei todas as atividades, congressos, simpósios e encontros em que me foi possível participar – Seminário Fazendo Gênero, Encontro da Redor, Simpósio Escocite, Seminário de História, Ciência e Tecnologia. Queria tomar parte, ouvir

os pares, aprender, trocar ideias, aprimorar conhecimento, conhecer pessoas, vivenciar o mundo da pós-graduação de forma conjunta. Foi um período de grandes realizações, de grandes conquistas, já não me cobrava tanto em relação às questões familiares, pois tinha apoio das filhas e do marido. Aprendi muito e, com toda certeza, também contribuí para o avanço das/dos colegas do curso.

Finalizei o curso de Doutorado no final de 2014 e defendi, no dia 3 de março de 2015, minha tese intitulada *A matemática das mulheres: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (1941-1980)*. Na ocasião da defesa, minha tese foi indicada pela banca para ser ampliada e divulgada em formato de livro, o que aconteceu em 2019, pela Editora da Universidade Federal da Bahia, a EDUFBA.

Ao trabalhar na perspectiva do olhar situado – o olhar que valoriza a identidade, a subjetividade dos sujeitos, foi possível observar que a história da fundação do Instituto de Matemática e Física - IMF revelou uma história recheada de relações de gênero, relações de poder, relações sociais envolvendo gênero/ classe/ cor na qual as/os participantes foram construindo o espaço em questão, sem se darem conta que estavam envolvidas/os numa trama social que ainda hoje mantém a supremacia do masculino sobre o feminino.

É precisamente na política e na epistemologia das perspectivas parciais que está a possibilidade de uma avaliação crítica objetiva, firme e racional. (HARAWAY, 1995, p.24)

Os espaços das Ciências e Tecnologias, considerados como espaços apropriados a participação exclusiva dos homens, os quais são vistos como possuidores de capacidade de abstração, pensamento lógico, características presentes no trato matemático, estão recheados de assimetrias de gênero, pois mantém a estrutura de um “empreendimento científico, estrutural e simbolicamente, integrante dos sistemas de valores da cultura”. (HARDING, 1993, p. 15)

Com o estudo doutoral, aquela mulher que começou lá no curso de Especialização sem saber como relacionar seu campo de trabalho na Matemática com os estudos de gênero, hoje atua buscando a aproximação entre esses dois campos – Matemática e Estudos de Gênero. Meu foco de pesquisa se baseia em dar voz às mulheres matemáticas

tirando da invisibilidade suas histórias de vida, suas pesquisas matemáticas e suas realizações profissionais, lembrando como nos diz Nóvoa (1992, p.17): “É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal”. Além disso, estudar o contexto das mulheres matemáticas baianas, me liga ao pensamento defendido por Donna Haraway (1995) com relação ao conhecimento situado/saberes localizados demonstrando,

[...] a importância de dar voz às mulheres em seus espaços locais, mostrando suas contribuições na consolidação da matemática, mas chamando atenção para os embates e as lutas que enfrentaram em relação as questões de gênero que, de forma geral, estão enraizadas nas estruturas dos campos científicos e acadêmicos, mas que são minimizadas ou consideradas irrelevantes na produção do conhecimento. (MENEZES, 2019, p.379)

Busco o elo de ligação, a ponte entre as reflexões aprendidas e as minhas ‘meninas’ matemáticas, objetivando “pensar a construção dessas pontes que buscam articular o subjetivo e o coletivo, a transformação de si e a mudança social.” (RAGO, 2013, p. 59). Neste sentido, concordo com os ensinamentos de Evelyn Fox Keller (1991), mantenho “meu pé” sempre firme na minha primeira área de formação e me posiciono como docente do Instituto de Matemática interagindo com os Estudos Feministas e de Gênero.

Assim vou construindo minhas pontes e realizando meus projetos ligados à área das Ciências e Tecnologias. Em 2020, participei, sendo aprovada, da Seleção para formar o grupo de Pesquisadoras Associadas do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA, uma grande oportunidade para desenvolver meus trabalhos e continuar contribuindo com o espaço de estudo no qual eu me transformei. Apresentei, na ocasião, o projeto intitulado *Trajétórias de Mulheres na Matemática na Bahia: desafios e superações*.

O projeto tem como objetivo principal investigar através da trajetória profissional de mulheres docentes, pesquisadoras no campo da Matemática, sob o prisma da lente dos Estudos Feministas/ Estudos de Gênero nas Ciências as raízes das exclusões verticais e horizontais que afetam suas carreiras. Segundo Gilda Olinto (2011, p.69), dois tipos de segregação ocorrem:

**Segregação horizontal** - as mulheres são levadas a fazer escolhas e seguir caminhos marcadamente diferentes daqueles escolhidos ou seguidos pelos homens. Sobretudo pela atuação da família e da escola, as meninas tendem a se avaliar como mais aptas para o exercício de determinadas atividades e a

estabelecer para si mesmas estratégias de vida mais compatíveis com o que consideram ou são levados a considerar como mais adequados para elas. A segregação horizontal inclui mecanismos que fazem com que as escolhas de carreiras sejam marcadamente segmentadas por gênero. Como as profissões femininas tendem a ser menos valorizadas no mercado de trabalho, considera-se que a segregação horizontal das mulheres está relacionada a outro tipo de segregação chamada de vertical. **Segregação vertical** - é um mecanismo social talvez ainda mais sutil, mais invisível, que tende a fazer com que as mulheres se mantenham em posições mais subordinadas ou, em outras palavras, que não progridam nas suas escolhas profissionais.

Trazer o foco das segregações para o debate visa combater a falsa ideia que se perpetua na atualidade de que a universidade é um espaço no qual não há assimetrias de gênero, discriminações de raça e outros marcadores, visto que, aparentemente, as regras, as formas de ingresso e ascensão são as mesmas atribuídas aos seus pares – os homens. Corroborando com essa discussão, estudos apontam que há mecanismos e situações sutis que mantêm as mulheres em patamares distintos no âmbito científico,

o avanço da participação das mulheres na universidade deu origem a alguns mitos, [...] o da igualdade de participação de homens e mulheres em todos os níveis, inclusive em postos de poder. Estudos mostram que esta percepção está incorreta. (BARBOSA; ALVES; LINDER, 2023, P.3)

Durante as entrevistas realizadas com as docentes matemáticas, vamos contextualizando suas percepções em relação as suas identidades de gênero, suas motivações em relação as suas escolhas profissionais, suas vivências e desafios em uma área ainda marcada pelo poder androcêntrico. Desejo desvelar o papel indiscutível que as mulheres participantes da pesquisa desempenham na trajetória do desenvolvimento matemático, mostrando a contradição desta ‘lógica’ empreendida pela ciência moderna, que

em virtude de seu poder para designar, descrever e estruturar a realidade e a experiência, o mundo da torre (“de marfim”), científico, branco, masculino, torna-se onipresente em nossas vidas cotidianas, em suas muitas cores, formas e dimensões. (HUBBARD, 1993, P. 30).

Considero que visibilizar e dar voz a essas mulheres, que contribuíram e que contribuem como produtoras de conhecimento matemático nos seus espaços de atuação, pode favorecer na ocorrência de futuras mudanças.

Neste sentido, estar vinculada ao NEIM proporciona, sem sombra de dúvida, uma integração sem fronteiras para ampliação de novos conhecimentos e novas lutas no sentido do empoderamento da pessoa humana.

Estou ao lado de todas as mulheres que como eu

querem se reapropriar dos fragmentos dessa (sua) história sem memória, não para cristalizá-los e fabricar novas múmias, mas para que estejam presentes na nossa consciência e nas nossas práticas cotidianas, para que façam parte da nossa revolta, nossa experiência, nossos sonhos. (SOUZA – LOBO, 2021, p. 220)

Meu imenso agradecimento a: Alda Brito Mota, Ana Alice Alcântara Costa (*in memoriam*), Ângela Maria Freire de Lima e Souza, Cecília Sardenberg, Enilda Nascimento, Iole Macedo Vanin, Ívia Iracema Alves, Márcia Macedo, Márcia Tavares, Lindamir Salete Casagrande, Luzinete Simões Minella, Silvia Lúcia Ferreira, Teresa Cristina Pereira Carvalho Fagundes. Agradeço, também, a todas as pessoas do curso que somaram nesse processo de aquisição de conhecimentos, que compartilharam seus saberes, experiências, e vivenciaram os mesmos desafios, sendo companhias marcantes que muito contribuíram com o meu aprendizado.

Além do projeto *Trajetórias de Mulheres na Matemática na Bahia: desafios e superações*, resolvi, no ano de 2023, colocar em prática um ‘velho’ sonho - aproximar as escolas de ensino fundamental e médio da Universidade, exatamente por acreditar que precisamos sair dos muros acadêmicos e alcançarmos a interação com a sociedade, buscando um diálogo integrativo, desmitificando a ideia do ‘fazer Ciência’ como algo inalcançável e apenas para um pequeno grupo da sociedade – o homem branco burguês. Estamos conscientes da fundamental importância de discutirmos nas escolas e com as escolas, estereótipos de gênero, cor, classe social e outros marcadores que estruturam os pilares das Ciências, pois sabemos que “a função da imagem estereotipada é a de desumanizar e controlar.” (COLLINS, 2016, p.103). Se desejamos avançar na busca por equidade, precisamos investir desde a base educacional, infantil, ensino fundamental e médio.

Neste sentido, o projeto de extensão da UFBA, “*Matemática é coisa de menina*”, vinculado ao Instituto de Matemática, busca sensibilizar e incentivar as meninas e jovens mulheres ao ingresso e participação no campo dos estudos e pesquisas na área das

Ciências Exatas e Tecnológicas, com vistas ao desenvolvimento do seu sentido de representatividade e empoderamento.

Sabemos que, “o processo de trazer mulheres para a ciência exigiu, e vai continuar a exigir, profundas mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdo da ciência. Não se deve esperar que as mulheres alegremente tenham êxito num empreendimento que em suas origens foi estruturado para excluí-las” (SCHIEBINGER, 2001, p.37). Portanto, é preciso combater as exclusões mostrando exemplos de luta e superação.

Em 2023, começamos as atividades em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Salvador (SMED), na Escola Municipal Governador Roberto Santos – Regional Cabula, com palestras, vivências e oficinas, pontuando a questão do afastamento das meninas das áreas de predomínio matemático, buscando saber se elas/eles têm ideia dos motivos desse afastamento. Pois,

Ao se falar de Gênero e Matemática, ainda parece haver uma desconexão, uma difícil articulação de ideias, isso porque não podemos esquecer que o universo do saber, o universo da Ciência Moderna mantém a herança do patriarcado. Herança que constituiu o saber matemático baseado na abstração, no pensamento lógico, racional, objetivo, como elementos primordiais às/aos aspirantes aos campos das ciências consideradas ‘duras’. Mas, essas características, não ingenuamente, se configuraram como inatas apenas aos homens, refletindo assim os mitos construídos pela ciência para conservar sua hegemonia masculina. (LIMA E SOUZA; MENEZES; MENEZES, 2018, p.4)

Em conformidade com as autoras supracitadas, estudos têm mostrado que há uma relação entre Gênero e escolhas profissionais, de sorte que as mulheres buscam profissões que socialmente são mais relacionadas a elas, reificando-se, deste modo, preconceitos e estereótipos que não tem fundamento em aspectos biológicos e, sim, em aspectos totalmente culturais. Assim, acreditamos que projetos que aproximam as meninas às áreas tecnológicas podem contribuir fortemente para que cada vez mais mulheres ocupem esses espaços, tradicionalmente associados à masculinidade e, conseqüentemente, ao poder, em um mundo marcadamente patriarcal.

O projeto está sendo desenvolvido com a participação e apoio fundamental da amiga professora e pedagoga Regis Glauciane Santos de Souza (também doutora pelo PPGNEIM). Uma vez por mês temos o encontro com os/as estudantes do 8º e 9º ano do ensino fundamental e levamos uma professora convidada da área das Ciências Exatas para conversar sobre sua trajetória de vida e sobre suas atividades na Universidade,

momento em que as discussões acontecem mediante dinâmicas realizadas dando aportes para abordamos as questões centrais do projeto, sem perdermos de vista a questão da interseccionalidade, pois apenas as discussões de gênero não dão conta da complexidade que envolve a vida das pessoas.

Assim, desenvolvemos o sentimento de representatividade e a importância da cultura negra, mostrando a participação das mulheres negras nos espaços Científicos e Tecnológicos, com o intuito de desconstruir a invisibilidade histórica através do próprio meio educacional, o qual deve “proporcionar discussões verticalizadas a respeito das diferenças presentes, favorecendo o reconhecimento e a valorização da contribuição africana, dando maior visibilidade aos seus conteúdos até então negados pela cultura dominante.” (MENEZES, 2003, p.105).

Várias docentes, autodeclaradas mulheres negras, participam do projeto contando suas trajetórias de vida e seus fazeres científicos. Essas mulheres deixam para trás as expectativas dos dados estatísticos que inferem sobre a participação delas nas Instituições de Ensino Superior (IES), quando “a probabilidade de indivíduos não brancos ingressarem em instituições de ensino superior é 15 pontos percentuais menor na América Latina. [...] No Brasil a diferença chega a 18 pontos percentuais.” (BANCO MUNDIAL, 2018, p.90)

Destacando desta forma o recorte racial, todavia, sabemos que ao consideramos os cruzamentos de raça e gênero, veremos que o patriarcalismo e o sexismo reforçam as desigualdades de ascensão social das mulheres em relação aos homens, produzindo o duplo fenômeno social entre racismo e sexismo impregnado na cultura brasileira. Dimensões importantes para compreendermos os discursos das ideologias da hegemonia branca e do heterossexismo e da masculinidade hegemônica que naturalizam os problemas e percalços enfrentados pela população negra, como pertencentes a negros e as mulheres negras, em específico. (GONZALÉZ, 2020).

Nesse contexto, precisamos ficar atentas/os aos significados dos espaços e representações sociais e culturais que a colonialidade criou, estereotipando e coisificando as mulheres negras e outros grupos sociais. Em vista disso, estamos empenhadas em proporcionarmos para estas/es jovens estudantes, sobretudo, das periferias soteropolitana, um espaço acolhedor de discussão, buscando despertar suas consciências para

enfrentarem de forma crítica, as assimetrias de gênero, classe social, raça, orientação sexual e outras, que lhe são impostas. Jogando as sementes com o intuito de que eles/elas criem suas próprias asas e voem em busca de suas realizações destituídas das amarras sociais e culturais. Nas atividades desenvolvidas, tanto as meninas, quanto os meninos têm presença fundamental, pois são igualmente frutos das concepções patriarcais, classistas, machistas e sexistas, racistas, e estão todas e todos imersos nos processos de construções socioculturais que produzem desigualdades, assimetrias e hierarquias.

A cada encontro realizado, somos surpreendidas pelo potencial de transformação existente em cada estudante, aprendemos e crescemos a cada momento. Eles/Elas têm muito a nos dizer, a nos ensinar, indicando perspectivas de como podemos juntas/os projetar uma sociedade melhor, mais justa e equânime, mais livre de preconceitos e estereótipos. Reforçando que a via do ensino não é jamais uma via de mão única, há sempre uma relação de ida e vinda do aprendizado.

Assim, estamos cada vez mais convencidas de que é com elas/eles que podemos investir em um mundo melhor, conscientes também de que as mesmas instituições, que tradicionalmente produziram a escolarização de corpos e de mentes para constituírem hierarquias fundadas em distinções e delimitações de espaços, “servindo-se de símbolos e código, afirmando o que cada um pode (ou o que não pode) fazer”, fundamentada nos estereótipos de gênero, racistas e sexistas, informando o lugar social das meninas e dos meninos, quem são “os heróis” através de uma estorinha contada e tantos outros aportes políticos e ideológicos, também podem ser desfeitas, através de novos e outros mecanismos e instrumentos de rupturas (LOURO, 2014, p. 62-63). E nessa empreitada, buscamos outras narrativas históricas, muitas delas ainda invisíveis para serem contadas nas escolas, a exemplo das grandes cientistas e das trajetórias traçadas por nossas meninas hoje.

Nos encontros na escola, pensamos e estruturamos nossos planejamentos fundamentados em novas concepções e práticas pedagógicas que possam contribuir para subvertermos a posição desigual e subordinada das mulheres nos espaços escolares, norteadas por uma pedagogia feminista que não somente critica, mas que, fundamentalmente, propõe estratégias e procedimentos que possam romper com as relações hierárquicas presentes nas salas tradicionais (SOUZA, 2020; 2023). Conscientes

de que o projeto que estamos desenvolvendo é acima de tudo, uma ação formativa e emancipatória, longe de neutralidade, é política pedagógica (FREIRE, 1996). O que desejamos é que os nossos trabalhos estejam em função de uma sociedade e de práticas educativas que não limitem nem criem barreiras aos sonhos das meninas e moças, de forma que possamos desestabilizar o status quo patriarcal (bell hooks, 2020) com a participação dos meninos e rapazes, oferecendo esperanças para o futuro.

Atualmente estou enfrentando um novo desafio – ser a vice coordenadora do NEIM. Estou buscando me encontrar nesta nova função, buscando entender a estrutura interna e me inserir. O que posso dizer é que a responsabilidade é muito grande, principalmente por ser um local que respeito muito e quero ver crescer a cada dia. Exatamente por isso, o receio se transforma em impulso, força e coragem para realizar o que for preciso – preparar e impulsionar o NEIM para o futuro, criando fortes elos na condução dos próximos 40 anos. Aquela mulher que inicialmente não sabia qual era o foco de atuação do NEIM, agora passa a contribuir e conduzir esse espaço.

## **Considerações Finais – Orgulho De Ser NEIM**

Esta minha iniciativa de conhecer, estudar e participar no NEIM/UFBA foi essencial para o meu crescimento profissional e pessoal. Digo que dei um giro de 360° porque “saí” da minha “zona de conforto”, ou seja, da matemática, caminho até então mais firme na minha jornada, para me inserir por completo num espaço repleto de novas e múltiplas teorias, as quais eu não conseguia encaixar nas minhas “caixinhas” mentais e fazer o elo com as minhas certezas de que  $2+2=4$  em qualquer teoria. Realmente, foi um grande desafio para uma professora de matemática que até então só se via escrevendo na linguagem matemática e utilizando apenas os conectivos: “Se ...então”, “Portanto”, “logo”, etc. Precisei me reinventar:

Reinventar-se supõe despregar-se da imagem do que se foi, daquilo que fizemos ou do que foi feito de nós mesmos, de nossas experiências, aspirações e realizações, buscando não esquecer-las, mas criar novos sentidos para elas e, sobretudo novos espaços sociais, subjetivos e simbólicos, na atualidade. Reinventar-se significa despedir-se de quem um dia fomos, a fim de construirmos outras subjetividades, dando passagem a novas formas de expressão. (RAGO, 2013, p. 152)

Desde então, aquele campo novo para mim foi um grande diferencial na minha trajetória formativa, profissional e pessoal, o curso de especialização abriu minha mente para alçar novos voos e ver o mundo a partir de novos olhares, novos referenciais e novas perspectivas. Tive inúmeras dificuldades, pois era a primeira vez que ouvia falar dos temas abordados. Não sabia escrever relacionando e fundamentando o que entendia com as ideias das autoras. Na minha visão, eu não precisava usar 15 páginas para dizer o que tinha entendido, eu só precisava de, talvez, umas cinco linhas. Enfrentei também os olhares de reprovação de alguns colegas do meu espaço de trabalho. Mas... continuei firme na minha decisão. Aprendi que: “[...] num meio no qual as formas sociais, as atividades profissionais e as expressões artísticas haviam sido moldadas pelos homens, a expressão feminina não seria nada fácil.” (RAGO, 2013, p.23).

Hoje sei que,

nada é inocente, desde a escolha do objeto, das questões, dos procedimentos investigativos até, obviamente, as formas que utilizamos para dizer tudo isso. [...] (tudo) é marcado por nossas escolhas teóricas e por nossas escolhas políticas e afetivas. É, certamente, afetado por nossa história pessoal, pelas posições-de-sujeito que ocupamos, pelas oportunidades e encontros que tivemos e temos. (LOURO, 2007, p.212 e 213)

Talvez inconscientemente, não sei, eu já me angustiava com as questões das relações de gênero interligadas com as relações de poder, as interseccionalidades (classes social, raça/etnia, religião, orientação sexual, geração) que atingiam a vida das mulheres e, meus caminhos foram se direcionando a encontrar o espaço onde eu iria adquirir conhecimentos para fortalecer minha trajetória e me tornar uma mulher matemática multiplicadora da semente dos estudos de gênero dentro de um campo profissional ainda marcado pelo androcentrismo.

Utilizando a *Standpoint Theory* (‘Teoria do Ponto de Vista’) em consonância com a bandeira de luta de Sandra Harding (1996), que privilegia as vivências, as experiências, valorizando os olhares para as próprias necessidades e ideias de como resolvê-las, estamos trabalhando com a ‘objetividade forte’ - que busca dar voz e visibilidade aos/as considerados/as oprimidos/as da sociedade, trazendo suas subjetividades. Diante desta conduta, estamos participando da construção de sujeitos/as ativos/as, participantes do processo e não apenas meros objetos de estudo, mas, de quem também produz



conhecimento. Neste sentido, estamos abrangendo outra importante questão de luta – a valorização da Diversidade Humana. A luta é constante e diária e, neste sentido, mantenho acesa a chama do meu entusiasmo para alcançar pequenas, e quem sabe, grandes transformações.

O que posso dizer neste momento de comemoração dos 40 anos do NEIM: Gratidão docentes, alunas/os, funcionárias/os, colegas do NEIM. Vocês mudaram minha Vida. Me fizeram crescer e me reinventar. Estou Somando e Multiplicando Conhecimento. Agora **SOU NEIM** com muito orgulho.

Parabéns. Vida Longa, NEIM!

## REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. **Afrodescendentes na América Latina: rumo a um Marco de Inclusão**. Washington, DC: World Bank, 2018.

BARBOSA, Márcia C. B.; ALVES, Maiara R.; LINDER, Edson L. Diversidade e percepção de igualdade de gênero nos cursos de ciências exatas da UFRGS. **Revista Brasileira de Ensino, Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v.16, p. 1-21, 2023.

COLLINS, Patrícia H. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n.1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 75-93.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v.5, p. 07-41, 1995.

HARDING, SANDRA. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**, n.1, p. 7-31, 1993.

HOOKS, bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo – políticas arrebatadoras**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.



HUBBARD, Ruth. Algumas ideias sobre a masculinidade das Ciências Naturais. In: GERGEN, Mary McC. (Org). **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos Editora da UNB, 1993, p. 21-36.

LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de; MENEZES, Leopoldina Cachoeira; MENEZES, Márcia Barbosa de. Quem ensina matemática? Notas preliminares sobre uma investigação quantiquantitativa em Salvador-Bahia. **REDOR XX**, Salvador: REDOR, 2018, Salvador. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/site/index.php/acervo/anais/anaisredor>. Acesso em: 20 abr. 2020.

LOURO, Guacira L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico -metodológica. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 46. p. 201-218, dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 1 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KELLER, Evelyn Fox. **Reflexiones sobre Género y Ciencia**. Valencia-Espanha: Ed.Alfons El Magnanim, 1991.

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu*, n. 27, p.13-34, jul-dez., 2006.

MENEZES, Márcia Barbosa de. **A matemática das mulheres: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (1941-1980)**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2019.

MENEZES, Waléria. O Preconceito Racial e suas Repercussões na Instituição Escola. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, vol. 19, n.1, p. 95-106, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1311/1031>. Acesso em: 15 abr. 2020.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org). **Vidas de Professores**. Coleção Ciências da Educação. Portugal: Porto Editora, 1992, p.11-30.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Revista Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)**, Brasília, v. 5, n. 1, p.68-77, jul./dez. 2011. Disponível em <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667/1873> Acesso em 20 abr. 2020.

RAGO, Luzia M. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

REVISTA MULHERIO: **O trabalho dignifica o homem**. Já a mulher, quem dignifica? Ano 2, n.7, maio/jun. 1982. Disponível em <https://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/mulherio/capas2.html>. Acesso em: 13 abr. 2020.



SARDENBERG, Cecília B.; História e Memória do Feminismo Acadêmico no Brasil: o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIN/UFBA (1983-2020). **Revista Feminismos**. v.8, n.3, p. 82-121, set. – dez. 2020.

SARDENBERG, Cecília B.; MACÊDO, Márcia S. Interdisciplinaridade e Estudos Feministas: uma relação em construção na Universidade Federal da Bahia. In: TAVARES, M.S.; SOUZA, A.M.F.L. (Orgs). **Diálogos interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo**. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 21-53.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos e Fundação Carlos Chagas. 1992, p. 183-215.

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a ciência?** São Paulo: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul-dez.,1995.

SILVA, Juliana M. S.; Interseccionalidades e Maternidade na Universidade Federal Da Bahia **Anais** 16 ° Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. UFCG/UEPB, Campina Grande, Paraíba, p. 1-18, 2018.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. **A Classe Operária tem Dois Sexos: trabalho, dominação e resistência**. 3ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 2021.

SOUZA, Regis Glauciane S. de; VANIN, Iole M. Sujeitos de conhecimento e o Protagonismo Histórico: considerações sobre a crítica feminista nas ciências e suas contribuições metodológicas para a educação. In: RISCAROLI, Eliseu (Org). **Docência e Práticas Pedagógicas: percursos, reflexões e experiências no cotidiano da educação**. Curitiba: CRV, 2020, p.81-99.

SOUZA, Regis Glauciane S, de. Por uma Pedagogia feminista: da estrutura à resistência. **Revista JNT Facit Business and Technology Journal da Faculdade de Ciências do Tocantins**. Tocantins, ed. 44, v. 1, p.317-335, ago. 2023.